no Desenho da Criança. 2ª ed. Campinas-SP: Papirus, 2008.

HENTSCHKE, Liane. (Org.). Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte; sala de aula e formação de professores/Rosa Iavelberg. Porto Alegre; Artemed, 2003.

KONDER, Leandro. A questão da ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Aline Maria. A dança como prática educativa no cotidiano escolar. 2015

Disponível em: <http://usj.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/TCC-ALINE-MARIA-LIMA.pdf>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

LUKÁCS, G. Arte e Sociedade: escritos estéticos 1932-1967. Organização, apresentação e tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MADURÉ, R. D. B., Linguagem da Escultura em Sala de Aula, Trabalho de Graduação, (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2009.

MERLEAU-PONTY. Fenomenologia da Percepção. São Paulo. Martins fontes, 1999.

O ENSINO DAS ARTES

CÁTIA SILVA OLIVEIRA FEITOSA

RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito do ensino das artes. A linguagem artística é uma forma de sentir a vida e, ao tomar consciência do mundo, as crianças tornam-se, quase sem perceber, seres humanos melhores. Além disso, eles começam a entender melhor seu ambiente e, à medida que envelhecem, entendem o mundo de forma crítica e madura. As artes são ideais para promover esta abordagem integrada. Estudo após estudo, a participação artística e a educação artística foram associadas a melhores resultados cognitivos, sociais e comportamentais em indivíduos ao longo da vida: na primeira infância, na adolescência e na idade adulta jovem e nos anos posteriores. A arte é um campo diversificado e inclui impressões artísticas em muitas formas. As primeiras formas de arte foram encontradas nas paredes de cavernas antigas na forma de obras de pedra e pintura. Assim, podemos supor que a pintura foi a primeira forma de arte. Música, teatro, cinema, dança e outras artes cênicas, bem como literatura, e outras mídias, estão incluídas em uma definição mais ampla de arte.

Palavras-Chave: Ambiente; Crítica; Pintura.

INTRODUÇÃO

Por meio da arte as pessoas expressam muitos sentimentos, que não podem ser expressados por meios típicos, como conversas ou palavras. A arte dá uma maneira de expressar suas emoções. Até o século XVII, arte referia-se a qualquer habilidade ou domínio e não se diferenciava de ofícios ou ciências, mas no uso moderno, as belas artes, ao qual as considerações estéticas são primordiais, distinguem-se das habilidades adquiridas em geral, e as artes decorativas ou aplicadas. Atualmente, as dimensões das artes mudaram muito em relação ao passado.

As manifestações artísticas participam da ambiência e de nossa vida tanto de maneira direta como indiretamente. Elas são reveladas em nosso cotidiano como, por exemplo, uma canção, uma obra arquitetônica ou uma escultura localizada no espaço urbano, ou são vislumbradas indiretamente por intermédio do contexto estético. Elas são concretizadas pelos artistas que as produziram, mas só vão se completar com a participação das pessoas que se relacionam e estabelecem um diálogo com elas. (FERRAZ E FUSARI, 2009, p. 20)

Nos dias atuais, a arte não é apenas uma forma de expressar suas ideias, mas também tem sido usada para enviar algum tipo de informação ou mensagem para as massas. A arte pode ser usada para agendas políticas e sociais, como caricaturas editoriais e pinturas dirigidas a figuras políticas ou religiosas, podendo inspirar e permitir que as pessoas vejam as coisas de diferentes perspectivas.

É comum a natureza humana admirar a beleza ao nosso redor, que pode incluir recursos naturais e artificiais, como colinas, rios, belezas naturais e belos edifícios, respectivamente. Muitas vezes ficamos impressionados quando vemos uma bela pintura, ou lemos um belo poema, ou ouvimos uma música suave e temos uma sensação interior de felicidade e calma quando nos deparamos com essas coisas.

De acordo com Barbosa:

Sabemos que a arte na escola não tem como objetivo formar artistas, como a matemática não tem como objetivo formar matemático, embora artistas, matemáticos e escritores devam ser igualmente bem-vindos numa sociedade desenvolvida. O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. (1991, p.32)

Geralmente associamos a arte a uma pintura ou escultura que vemos em um museu ou galeria de arte, no entanto, a arte está em toda parte ao nosso redor em muitas formas e tem um valor significativo em nossas vidas. A palavra 'Arte' é, no entanto, mais comumente associada a peças de trabalho em uma galeria ou museu, seja uma pintura do Renascimento ou uma escultura moderna. A arte tem formas muito mais diversas do que essa classificação. No entanto, há muito mais na arte do que o que vemos exibido nas galerias. A verdade é que, sem ter consciência disso, estamos cercados de arte e a usamos continuamente. A maioria das pessoas não percebe o papel que a arte desempenha em nossas vidas e o quanto confiamos na arte em todas as suas formas em nossas vidas cotidianas.

As artes são essenciais. Eles ensinam aos alunos inúmeras lições – a prática leva à perfeição, pequenas diferenças podem ter grandes efeitos, a colaboração leva à criatividade. As artes também ensinam às crianças que existem vários caminhos a seguir na abordagem de problemas e que todos os problemas podem ter mais de uma solução.

As lições adquiridas com as linguagens artísticas podem ser aplicadas no aprendizado de comportamentos positivos e estilos de vida que precisam de consistência. Fazer melhorias e progredir na vida precisa de tempo. Os alunos recebem uma boa lição ao aprender sobre arte e cultura que exige flexibilidade e paciência para alcançar resultados positivos.

HISTÓRIA DA ARTE

Para entender o verdadeiro significado da arte, temos que partir do período histórico em que o conceito de arte real começou, embora no século moderno a arte tenha tomado um rumo comercial, mas ainda assim há aqueles que ainda respeitam a arte em sua forma original.

As conquistas e monumentos mais preciosos da humanidade, seja uma pirâmide ou qualquer edifício do ponto de vista histórico, são as tentativas do homem de eternizar memórias de algum evento histórico importante ou simbolizar a perda de entes próximos e queridos que inicialmente foram perdidos para sempre. Podemos dizer com segurança que a arte é um subproduto do amor próprio do homem e uma esperança afetuosa de viver para sempre em um mundo além deste mundo. Não seria errado dizer que a arte é tanto um meio quanto um fim.

A Índia e o Tibete viram uma ênfase nas esculturas pintadas e na dança, enquanto a pintura religiosa emprestou muitas convenções da escultura e tendia a cores contrastantes brilhantes com ênfase nos contornos. Várias formas de dança e desenvolvimento considerável no campo da música foram testemunhados durante este período. A impressão em xilogravura tornou-se importante no Japão após o século XVII. A Idade do Iluminismo ocidental no século XVIII viu representações artísticas de certezas físicas e racionais do universo mecânico, bem como visões politicamente revolucionárias de um mundo pós-monarquista.

Segundo Hauser:

As pinturas [...] faziam parte do aparato técnico dessa magia; eram a “armadilha” onde a caça tinha que cair, ou melhor, eram a armadilha com o animal já capturado – pois o desenho era, ao mesmo tempo, a representação e a coisa representada, o desejo e a realização do desenho. O caçador e o pintor do período Paleolítico pensava estar na posse da própria coisa na pintura, pensava ter adquirido poder sobre o objeto por meio do retrato do objeto. Acreditava que o animal verdadeiro realmente sofria a morte do animal retratado na pintura. A representação pictórica nada mais era, a seus olhos, do que a antecipação do efeito desejado; o evento real tinha de se seguir inevitavelmente a ação mágica da representação, ou melhor dizendo, aquele estava implícito nesta, uma vez que estavam separados um do outro apenas pelos meios supostamente irreais do espaço e do tempo (HAUSER, 2003 apud MARIA GORETTI VULCÃO e LISA MINARI, 2010, p. 48)

A História da Arte é fundamental dentro da formação humanística de qualquer ser humano. Oferece uma oportunidade pedagógica para uma compreensão histórica da experiência humana, uma compreensão de sua psique, refletindo sobre a necessidade constante de Homem de reinterpretar o mundo, compartilhar ideias e sentimentos ou fornecer novas visões através da linguagem artística.

A arte do passado contém pistas para a vida no passado. Ao observar o simbolismo, as cores e os materiais de uma obra de arte, podemos aprender sobre a cultura que a produziu. Ao olhar para o que foi feito antes, reunimos conhecimento e inspiração que contribuem para a forma como falamos, sentimos e vemos o mundo ao nosso redor.

Sem arte, não haveria o Renascimento junto com os demais movimentos artísticos das civilizações anteriores. Estudar a arte do passado nos ajuda a entender a evolução de um país ou por que mudou quando mudou. A arte ajuda uma sociedade a evoluir à sua maneira, e é por isso que existem diferentes estilos de arte em diferentes países. Sem arte, não haveria nenhuma representação visual do passado, o que significa que as pessoas podem ter dúvidas porque a arte pode ser revisada como evidência histórica de como as pessoas viviam no passado.

Duas definições surgidas no início do século XX são construídas a partir da rejeição da representação como característica definidora da arte. O primeiro deles estabelece a

arte como uma forma significativa, enquanto o segundo a considera como expressão de emoções. Ambos rebaixam a relação da obra de arte (e, portanto, do artista) com a realidade, em favor das qualidades estéticas do próprio objeto de arte ou da relação entre a obra de arte e a mente criativa que a originou.

Essas considerações, de marcada filiação idealista, podem ser encontradas originalmente nas ideias de beleza e gênio da teoria da arte de E. Kant. Tanto a definição que foca no objeto, quanto aquela que foca no artista, são usadas para discriminar o que é admitido como arte do que não é, e assim serviram por muito tempo para admitir (ou rejeitar) os valores estéticos de várias formas de arte progressivas. Apesar dessa intenção legitimadora, cada uma dessas definições é unidimensional e, portanto, incompleta.

A controvérsia sobre a definição de arte chegou ao ponto de sugerir que o verdadeiro cerne do conceito está em sua capacidade ilimitada de aceitar mudanças. Em contrapartida, foi proposta uma definição institucional de arte, motivada pela ideia de que a única característica comum entre as obras de arte é o fato de terem sido reconhecidas como tal por determinadas instituições em um determinado momento. É difícil negar que a inclusão ou exclusão de obras diferentes no estatuto da arte tenha cumprido outras funções na sociedade, como promover o elitismo ou a diferença de classe.

A definição institucional nem sempre é muito convincente para demonstrar o que é particularmente valioso na arte. Às vezes se supõe que a arte (o produto) é boa na medida em que tem um valor puramente estético, independentemente de qualquer valor moral, cognitivo ou utilitário que possa ter. Mas a arte também é importante como meio de entender o comportamento humano, o valor dos produtos da arte não pode ser separado do reino da verdade e da moralidade.

De uma concepção filosófica materialista, que vai da ingenuidade do atomismo grego à complexidade dos neomarxistas atuais, a arte é uma forma específica de consciência social e atividade humana, historicamente condicionada. Consiste, então, em uma reflexão subjetiva da realidade objetiva por meio de imagens artísticas, o que constitui um dos procedimentos mais importantes no processo de apreensão estética do mundo

Portanto, o surgimento da arte, como atividade independente da produção material, e de artistas, indivíduos dotados de sensibilidade e habilidades específicas e dedicados exclusivamente a essa atividade, é produto do desenvolvimento da sociedade, tanto no nível econômico de base quanto no superestrutural. No entanto, a relação entre os dois componentes da sociedade não é mecânica. Um maior nível de desenvolvimento económico e de riqueza material não significa necessariamente maior quantidade ou qualidade da arte e dos seus produtos, da mesma forma que nas sociedades decadentes e em tempos de claro processo de desaparecimento, magníficas expressões do mais autêntico e transcendente.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DAS ARTES

A educação artística é um método de ensino que desenvolve competências, atitudes, hábitos e comportamentos, potencia capacidades e competências, sendo também um meio de interação, comunicação e expressão de sentimentos e emoções que permite uma educação integral para todos os indivíduos.

É possível dizer então que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo [...] Podemos ficar tranqüilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa idéia e como devemos nos comportar diante delas (COLI, 1990, p.08).

Para o futuro da educação, a aprendizagem das artes oferece os elementos necessários para que qualquer pessoa possa atuar com eles e explorar suas potencialidades. Em primeiro lugar, o aluno se acostuma com sua linguagem, tornando-se sensível descobrir as diferentes áreas que ele atende. Em segundo lugar, o ensino das artes procura descobrir as habilidades dos alunos e se aprofundar em como e de que forma a arte está presente em muitos aspectos da vida cotidiana.

A arte, amplamente concebida, deve ser a base fundamental da educação. Pois nenhuma outra matéria pode dar à criança não apenas a consciência de que imagem e conceito, sensação e pensamento estão correlacionados e unificados, mas também, ao mesmo tempo, um conhecimento instintivo das leis do universo e um hábito ou comportamento em harmonia.

Os entendimentos alcançados pela psicologia cognitiva na segunda metade do século XX, particularmente entre as décadas de 1960 e 1990, têm visto as artes como atividades de alto valor cognitivo. O cognitivismo constitui a corrente predominante da psicologia evolutiva contemporânea. Esses postulados são baseados em como as pessoas constroem e manipulam suas representações mentais do mundo e como elas manifestam seu comportamento inteligente.

Da mesma forma, as artes passam a ser valorizadas como oportunidades de "pensar", por sua capacidade de manipular símbolos para realizar uma transformação qualitativa de sua própria experiência, e traduzir em expressão percepções, emoções, ideias, pensamentos, sonhos e expectativas. Tal reconhecimento é de especial repercus-

são para a educação geral, e em particular para o ensino das artes, de modo que é possível considerar a contribuição dessa abordagem para o reconhecimento da integralidade na formação, compreensão ou pensamento humano, como resultado da articulação de várias operações da mente onde se integram a razão e a emoção, ou que confere às artes um valor essencial na educação.

Em relação à sua pesquisa sobre o impacto das artes no desenvolvimento cognitivo, Gardner (1994) afirma que os seres humanos são capazes de desenvolver um amplo espectro de competências simbólicas e que uma representação mais ampla dos sistemas simbólicos pode ampliar as habilidades cognitivas. , cujo escopo vai além do pensamento lógico que só reconhece como válidos os sistemas de codificação possíveis de uma ordem notacional rigorosa. Formas de expressão como a linguagem literária e as artes se desviam desse tipo de conhecimento, porque exigem outras formas simbólicas de comunicação, como a comunicação metafórica, para a qual a rigidez de dois códigos lógicos não é adequada, pois exigem suas habilidades interpretativas.

Esses entendimentos permitem apreciar que todas as manifestações expressivas do lar têm um alcance comum, ou dão simbolização, e isso equivale a aceitar que as emoções também funcionam cognitivamente. Da mesma forma, sua transmissão por diferentes meios expressivos dá origem à identificação de linguagens artísticas como literatura, artes plásticas e visuais, artes teatrais ou corporais e música, entre outras. Essas linguagens não respondem exclusivamente a conceitos formais, mas, essencialmente, expressam um conteúdo de percepções, sentimentos e ideias e constituem o meio cabelo que é possível exteriorizálos. Segundo Eisner (1998), por meio de experiências sensoriais a mente desenvolve múltiplas formas de representação, oferecendo diversas linguagens artísticas para expressar ideias e sentimentos, sendo oportunidades únicas para o desenvolvimento da mente,

Entendido desta forma, o desenvolvimento artístico e o desenvolvimento cognitivo estão intimamente relacionados porque a arte, como experiência de aprendizagem, é um processo intrínseco e não externo, onde na prática coloca problemas expressivos, explorando os meios para enfrentá-los.

As artes são oportunidades de criação e as elaborações cognitivas estão presentes no processo criativo, pois a organização de dois conceitos e a forma de estabelecer relações implicam uma série de operações mentais que temos que ver como processo de informação. Da mesma forma, o desenvolvimento mental dos bebês é apreciado por meio de seus desenhos e de seus gestos, quando as outras formas de expressão não estão suficientemente maduras e suas possibilidades de expressão verbal são incipientes. Realizamos trabalhos expressivos, sendo possível observar a consciência da criança sobre si mesma e seu ambiente, bem como as mudanças que ocorrem à medida que ela cresce, ou que nos permite apreciar como essas expressões são reflexo de seus processos cognitivos.

Ao incorporar as artes em experiências de conhecimento que conscientizem e mobilizem o conjunto de possibilidades, habilidades e atitudes intelectuais e emocionais, podemos afirmar razoavelmente sua contribuição para uma educação integral. A inclusão de experiências artísticas no currículo escolar possibilita que crianças e jovens se abram a novas formas de conhecimento, para pelo menos dois paradigmas de ciência e quantitativos.

Mais recentemente, no quadro da pós-modernidade, as abordagens culturais destacam a noção de sujeito, em cuja constituição ou que a educação artística pode oferecer é vital, em vez de, como corrobora Aguirre (2006), a finalidade central da educação artística na sociedade contemporânea deve-se promover nos alunos uma compreensão crítica dos mundos culturais e sociais em que vivemos e produzimos suas relações. Essa abordagem emergente da educação artística, que considera também o compromisso de abraçar ou reconhecer nas práticas artísticas em uma perspectiva formativa na constituição de sujeitos sensíveis, reflexivos e críticos, capazes de contribuir para a construção do tecido social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem cultural do ensino das artes é bastante recente, porque a reconhecemos como emergente. Vemos teorias que começaram a tomar forma na última década do século XX, a partir de uma postura pós-moderna que reflete uma concepção compartimentada de "disciplinas" (típicas da modernidade).

Na perspectiva da pedagogia da arte, percebe-se como o currículo herdado da modernidade se baseia e se estende ao desenvolvimento do pensamento e da racionalidade técnica, enquanto os aspectos que intervêm no desenvolvimento pessoal do sujeito são relegados a um segundo plano.

Não há dúvida de que a necessidade de uma forte formação valorativa, afetiva, emocional, subjetivação e construção de uma identidade autoconsciente, são relevantes em um mundo em que os estragos da racionalidade se expressam fortemente nas novas gerações.

A necessidade de aprimorar as artes no ensino não buscam outra coisa senão a formação integral do sujeito, entendendo que o conhecimento não é parcelado ou proprieda-